

Samuel

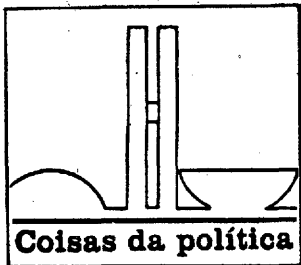
Villas-Bôas Corrêa

# Um discurso como não se ouvia há mais de 20 anos

24 SET 1985

JORNAL DO BRASIL

**D**ESTA vez, o Presidente José Sarney acertou na mosca: o seu discurso de ontem, na abertura da 40ª Assembléia-Geral da ONU, é perfeito como peça política, de uma exata e aguda oportunidade, um fino ajustamento ao quadro interno e à moldura internacional e de uma eloquência posta a serviço da defesa de posições firmes.



Coisas da política

É claro que algumas restrições podem ser levantadas, desde que se queira catar pulgas na pelagem do urso. Não há novidades no tópico mais importante do pronunciamento de Sarney, aquele que por si só justificaria o impacto que arrancou aplausos do plenário, na resposta emocionada e solidária dos representantes do Terceiro Mundo e da larga mancha do subdesenvolvimento esfomeado. Mas, não teria cabimento que o Presidente surpreendesse a ONU e o país com uma posição nova sobre o amargo problema do endividamento externo. O que parece razoável é que, preliminarmente, Sarney tenha testado a receptividade do público interno, antes de buscar o desafio de um cenário das dimensões da ONU. E, de resto, o Presiden-

te seguiu os rastros e repetiu com mais ênfase as frases do Presidente Tancredo Neves.

Mas, e daí? Ora, o discurso é uma composição que visa a agradar o auditório, distribuindo barretadas a granel. Sim, mas em nenhum momento violenta ou agride as posições brasileiras.

Além do toque, do requinte literário, da frase burilada com os seus vãos poéticos, a busca do efeito, o discurso chegou na hora certa. Quando, aqui dentro e lá fora, a opinião amadurecera para recolher as propostas e aceitá-las, em adesão previamente detectada.

Bem que o Presidente estava necessitando de injetar um pouco de óleo canforado na sua popularidade. Pois, pela primeira vez, as pesquisas de opinião pública apontaram uma queda de nove pontos percentuais no índice de aceitação popular de Sarney. Uma baixa que não chega a ser alarmante, mas convém prestar atenção na sua advertência. Não é confortável para um Presidente, que optou por uma linha popular e reconhece e proclama que no apoio do povo está a sua grande força de sustentação, constatar que a curva inverteu-se. A firme ascensão agora consigna uma virada, o escorregão inaugural. Pois o discurso, pelas largas e fundas repercussões que certamente irá provocar por toda parte, deve inflar gás suficiente para deter a decepção que se insinua pela volatilização dos efêmeros milagres do controle artificial dos preços e dos êxitos fugazes na redução de índices mensais da inflação.

Porque uma coisa é certa: o Presidente Sarney produziu o primeiro documento de alcance internacional da Nova República. É cedo e pode ser exagerado identificar os sinais do nascimento de uma liderança continental. Ou mais ambiciosamente projetada sobre as áreas de fome e miséria de todo o mundo.

Mas, vale o argumento com sinais trocados. Quem se lembra de outro discurso de um Presidente brasileiro com a mesma abordagem audaciosa, com o mesmo enfoque ousado de problemas com a delicadeza e a pungência dos enfrentados por Sarney? Certamente que a memória terá que recuar para muitos anos antes dos 21 do rodízio do ciclo revolucionário. Quando o Brasil não tinha voz nem vez no cenário internacional e só abria a boca para murmurar desculpas e justificativas para a tortura, o arbítrio, o AI-5, a censura à imprensa, as cassações de mandato, os recessos punitivos do Congresso, as listas de desaparecidos. Então, éramos um país acuado nos auditórios do mundo, que se escondia atrás do silêncio e da vergonha.

Durante muitos dias, Sarney dedicou-se pessoalmente à redação burilada do discurso. Somou horas roubadas ao sono e ao repouso. Leu o que pôde, refez o texto de sugestões encaminhadas pelo Itamarati e por sua assessoria.

O sucesso do discurso e as suas conseqüências assinalam um êxito pessoal.

Agora, é esperar pelas respostas e reações. Dos elogios da primeira hora às efetivas e fundamentais colocações dos que, afinal, decidem os rumos de todos.

Mas, o tempo de espera pode ser bem aproveitado com a releitura do discurso e o destaque de teses e períodos mais felizes. Recomenda-se, por exemplo, uma atenta análise do trecho que cuida da América Latina e convoca a atenção para o esforço extraordinário do continente para "criar uma ordem democrática", qualificando-o como "o mais surpreendente e comovedor fato político ocorrido nestes anos e que passa indiferente aos olhos descuidados do centro do poder mundial". Ou da condenação vigorosa e direta, sem meias-palavras, do racismo degradante da África do Sul e da defesa da nossa mestiçagem. Mas, acima de tudo, a colocação do problema invisível, que é a crise econômica que castiga injustamente a pobreza. Parece inútil pinçar períodos. O texto merece a leitura integral. Vale, todavia, reproduzir a frase que arrancou aplausos:

"O Brasil não pagará a dívida externa nem com a recessão, nem com o desemprego, nem com a fome. Temos consciência de que, a pagar essa conta, com esses altos custos sociais e econômicos, teríamos em seguida de abdicar da liberdade, porque um débito pago com a miséria é conta paga com a democracia".

Não há dúvida. Sarney falou e disse.